

# Não veja Brasília

ARY PARARRAIOS

Tradicionalmente a revista *Veja* tem em São Paulo o limite de seu universo. O mundo, segundo ela, pode no máximo chegar a Zona Sul do Rio de Janeiro.

Quando se fala em cultura, ela não reconhece nada além do MASP e de outras catedrais - preferencialmente paulistas. Raramente a rapaziada desocupa as mãos para sentir alguma coisa que não seja o saco dos consagrados.

Tabelinha Ideal para a Rede Globo, irradiando sempre das cercanias do Poder, a revista tem seus direitos. Sua ótica é exatamente a de quem precisa ser apresentada as outras cidades cujas existência não reconhece.

Na última semana, ela resumiu em duas páginas uma historinha cultural de Brasília. Uma matéria própria de quem não saiu da Praça dos Três Poderes para escrever. Mostrando que engrossa o caldo do que estão em outra (Brasília). E aí ela tem razão total. Não conhece o Evandro, o Vladimir Carvalho, o Armandão, a Rosário, o Boi do Teodoro, o Da Mata. Ninguém dos seus sociólogos foi visto nas boates do Beco do Mijo, no Frango Assado, num Concerto Cabeças, num forró do Clube da Imprensa.

Ou então, compreenderia que uma coisa que a cidade sabe e isso o livro citado na matéria. A Educação Pela Arte Numa Cidade Nova, de Maria Duarte -! que o Poder que se instalou aqui pouco tem a ver com a cidade. Que a cidade cresceu e se consolidou (tem 23 anos) com 18 anos de repressão braba em cima. E que enquanto o povo antropofagava as culturas regionais e tentava um resultado, um balanço, o Poder diluía pelos cassetes burocráticos qualquer possível identificação, qualquer ponto em comum.

É impossível você mostrar o que não vê. Não Veja. Ou veja apenas Prisco Viana - uma dessas figuras que a cidade conhece atrás de uma gravata que nunca certamente lê notícias da cidade que mora(?) Veja deputados, ministros, assessores, senadores, burocratas. Não veja Ceilândia, Brasília Urgente, Cidades-Satélites.

Brasília fonte de notícias políticas. A mesma que trouxe sucursais de jornais e revistas e que não permite sejam vistos seus fundilhos. Brasília assética, capital do país que expulsou Darcy Ribeiro e impôs um capitão que transformou sua universidade em corveta ou mar e guerra (se lá. Como brasileiro não entendo tanto de marcas e patentes!) E que

consolidou um tipo de informação pertinente a sua ótica, a do Sistema. Essa a Brasília que *Veja* superficialmente focaliza(?). A mesma que existe para a Comissão do DF instalada no Senado, e que investiga suas necessidades sem sair dos limites do Congresso.

Coisa que nem a revista nem outros veículos da imprensa nacional conseguem detetar é a falta de recursos, para levantar uma identificação entre as variedades regionais. O que somente seria possível quando os órgãos oficiais descessem de seus pedestais para promover a cultura sem apadrinhamentos, deixando que ela tivesse seu curso normal. E para isso seria indispensável reconhecer a capacidade dos que geram arte por aqui.

Acontece que a imprensa nacional não atravessa a rua da rodoviária e tem da cidade apenas deduções. Como os políticos, não lê os cadernos culturais nem sabe o que se passa. Por isso mesmo deixa de apreciar a cidade nova e lamenta que não tenha os mesmos programas do modelo cansado que traz na cabeça.

Sua notícia se faz apenas com personagens fictícios para a cidade, os que habitam a Península dos Ministros a Praça dos Três Poderes, a Esplanada dos Ministérios. E que tiveram desde que o Teatro Nacional foi reaberto, três anos atrás, apenas duas ou três oportunidades para noticiar o que acontece aqui: as vezes em que balés internacionais chegaram a Sala Villa-Lobos levando o nosso Presidente ao seu camarote especial a transformando lazer cultural bissexto acontecimento social.

Essa imprensa nunca viu um show de Renato Matos, do Pessoal do Beijo, nem sabe que o Didi Moreno trabalha quase todas as semanas fazendo shows em qualquer lugar que pinte, formando um público pra si e para um monte de artistas que vive ao largo dos padrões oficiais - únicos conhecidos dela.

Se Brasília é um resultado de Brasil, (e este mesmo está precisando de um código que não conseguiu em quatrocentos e oitenta e três anos), porque teria uma escala de compreensão estabelecida? Não tem, é indiscutível, mas não é inerte como pretendem os porta-vozes do Sistema. É provinciana como qualquer cidade média, tem suas imperfeições (muitas!) também como as outras, mas não está morta.

Nada mais justo do que um balanço. Mas, só pra citar o caso de *Veja*: quantos anos tem a revista, quantos anos tem a cidade, e quantas vezes ela noticiou qualquer atividade artística daqui que não fossem os nomes de prestígio nacional?